

DE PORTUGAL A MACAU
FILOSOFIA E LITERATURA NO DIÁLOGO DAS CULTURAS



Universidade do Porto. Faculdade de Letras

2017

Ficha técnica

Título: De Portugal a Macau: Filosofia e Literatura no Diálogo das Culturas

Organização:

Maria Celeste Natário (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Renato Epifânio (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Carlos Ascenso André (Instituto Politécnico de Macau)

Gonçalo Cordeiro (Universidade de Macau)

Inocência Mata (Universidade de Macau/ Universidade de Lisboa)

Jorge Rangel (Instituto Internacional de Macau)

Maria Antónia Espadinha (Universidade de S. José)

Editor: Universidade do Porto. Faculdade de Letras

Ano de edição: 2017

ISBN: 978-989-99966-9-4

O presente livro é uma publicação no âmbito das atividades do Grupo de Investigação Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

O MITO DO PRESTE JOÃO E AS ORIGENS DA LUSOFONIA

Mendo Castro Henriques

Universidade Católica Portuguesa
Palma de Cima, 1649-023 Lisboa
(351) 217 214 000 | info@reitoria.ucp.pt

Resumo: veremos, neste texto como o mito do Prestes João resultou do anseio de unidade cristã entre o Ocidente e o Oriente, unidade que passou por muitas vicissitudes ao longo dos séculos, nomeadamente no que toca à História de Portugal.

Palavras-chave: Prestes João, Ocidente, Oriente, Portugal.

Abstract: we will see in this text how the myth of Prestes João resulted from the longing for Christian unity between the West and the East, a unity that has undergone many vicissitudes throughout the centuries, especially in what concerns the History of Portugal.

Keywords: Prestes João, West, Oriente, Portugal.

A memória de Meu Pai, António Fortunato de Castro Henriques, médico, agricultor, bibliófilo e humanista, que me iniciou na demanda do Infante Dom Pedro das Sete Partidas e na lenda do Preste João das Índias.

As pré-condições do mito

O mito do Prestes João resultou do anseio de unidade cristã entre o Ocidente e o Oriente, unidade que passou por muitas vicissitudes ao longo dos séculos. O mito começou com uma carta apócrifa de meados do séc. XII a imitar as missivas diplomáticas trocadas entre soberanos, e constava de uma singela narrativa sobre um grande reino no Oriente cujo soberano seria um rei-sacerdote; através de glosas e variações veio a inspirar sucessivas viagens de exploração e missão ao Oriente e exortou à prática das cruzadas nos séculos XII e XIII; finalmente, veio a ser um dos mitos motivadores da empresa portuguesa dos descobrimentos no séc. XV, alcançando um estatuto de antecedente da lusofonia.

Como tudo o que conta na cultura de raiz cristã, o mito do Preste João tem fontes helénicas e judaicas. Do *Romance de Alexandre* herda o sonho da unificação do orbe terrestre através da espada, seguida pela colonização. As muitas cidades no Próximo e Médio Oriente que ainda ostentam o nome de Alexandre, desde o Egito ao Afeganistão, são a marca deixada pelo grande conquistador da Antiguidade ao tentar estabelecer a concórdia (*homonoia*) entre Oriente e Ocidente, como afirmou no célebre discurso de Opis que precede os casamentos entre helenos e persas. Por outro lado, do *Apocalipse* de S. João, carta enviada às sete cidades da Ásia, o mito importa o sonho de uma Nova Jerusalém. Jerusalém foi sempre um ponto de encontro dos povos. Nos *Actos dos Apóstolos* (2, 1-11), Lucas refere-se aos “Partos, e Medos, e Elamitas, e os que habitam a Mesopotâmia, a Judéia e a Capadócia, o Ponto e a Ásia, a Frígia e a Panfíbia, o Egito e várias partes da Líbia, que é vizinha de Cirene, e os vindos de Roma, tanto Judeus como prosélitos, Cretenses e Árabes”. Em Jerusalém, Cristo instruiu os apóstolos para evangelizar os outros povos: “*Ide por todo o mundo pregar o Evangelho (...)*” (Marcos, 16, 14-20). De cinco dos apóstolos (Paulo, Pedro, João, Tiago e Judas Tadeu) ficaram-nos cartas de Jerusalém às comunidades que fundaram no Próximo Oriente.

O Oriente atraiu o olhar da cristandade ocidental na Idade Média. Alexandre conquistara-o e Estrabão, Plínio, Ptolomeu, Agostinho e Isidoro de Sevilha tinham descrito os seus monstros e maravilhas que estimulavam a curiosidade; para lá

viajou S. Tomé e de lá teriam vindo os Reis Magos até Belém. Os peregrinos, missionários e cruzados medievais alimentavam este entusiasmo, fornecendo factos e fantasias adicionais sobre as terras onde se sabia da existência de comunidades cristãs fundadas por S.Tomé.

Lendas e notícias sobre estas comunidades chegaram a Roma. Desde o surto do Islão em meados do século VII até às viagens de Monte Corvino no final do século XIII não existiu contacto entre a Índia e o Ocidente católico. Durante estes seis séculos "Babilónia" (ou seja, Bagdad) permaneceu o centro da Igreja Nestoriana. Os relatos do Oriente alimentavam a necessidade da Europa de um apoio vindo de comunidades irmãs na fé, que imaginava ricas e poderosas e que também estariam ameaçadas pela força do Islão. E assim se alimentou a imaginação das múltiplas personalidades do Preste João.

O nome reflete estas origens. *Preste* é uma corrupção do latim *presbyter* e do grego *presbyteros* e significa 'ancião', sendo raiz dos termos *prêtre* em francês e *priest* em inglês. Quanto ao nome 'João' é problemático. Poderá ter sido escolhido como antropónimo de um presbítero das igrejas orientais que viajou até Roma no século XII; também poderá ser a adequação fonética e gráfica ao siríaco Juhanan, que vem de Jur-Khan, título usado pelos descendentes de Ye-liu Ta-che que derrotou os muçulmanos na batalha de Qatwan. Outros admitem na raiz Vizan, discípulo de S. Tomé, e seu sucessor na comunidade da Índia segundo os Actos de S.Tomé.

A saga de S. Tomé, do seu santuário na costa de Coromandel e dos cristãos do Malabar, desenvolveu-se nos primeiros séculos. Tomé terá pregado o Evangelho e sofrido o martírio no Oriente. Os seus restos mortais foram levados até Edessa, onde eram venerados. A freira Etheria visitou-os em 380 d.C..¹ As narrativas sobre o Apóstolo da Índia, na obra do século III conhecida como os *Atos de Tomé*, tornaram-se uma das fontes do mito, ao sugerir a um lugar de maravilhas exóticas. Essas narrativas reaparecem no século XIII no *Speculum maius*, a enciclopédia escrita por Vincent de Beauvais (1184 / 1194 - 1264) e na ainda mais famosa *Lenda dourada* do dominicano Jacobus de Voragine, (1228 -1298). Apesar de considerar apócrifos os Atos, Voragine narra na epígrafe sobre 21 de dezembro,

¹ "Isto é em Edessa, pois Jesus, nosso Deus, por uma carta que enviou ao rei Abgar por intermédio de Ananias, o mensageiro, prometeu enviar para lá S. Tomé, depois de ter subido ao céu"

como o Senhor encorajou Tomé a ir para Gundafor, "*E quando converteres a Índia, virás a Mim com a palma do martírio*".

Os relatórios da igreja Nestoriana na Pérsia também conquistaram a imaginação ocidental devido a pretensos sucessos missionários entre os mongóis e turcos da Ásia Central.² O historiador francês René Grousset sugere que uma das sementes do mito pode ter vindo do clã mongol Kerait, que teve milhares dos seus membros convertidos ao cristianismo logo após o ano 1000. Até ao século XII, os governantes Kerait ainda usavam nomes cristãos. Outro núcleo da tradição do Preste João pode ter vindo de João, um Presbítero da Síria, citado pelo bispo Eusébio de Cesareia, autor de duas das *Epístolas* de João, [5] e professor do mártir bispo Papias, que, por sua vez, fora o professor de Ireneu. Se a estas fontes adicionarmos textos literários sobre o Oriente, incluindo o corpo de literatura de viagens pseudo-históricas como o conto de *Sinbad o Marinheiro* e o *Romance de Alexandre*, temos os múltiplos ingredientes do mito salvador.

O lançamento do mito

Em 1122, uma narrativa chegada ao Ocidente inicia a lenda. Um relato anónimo divulgado em manuscrito afirma que um Arcebispo das Índias chamado João veio a Roma no quarto ano do reinado do Papa Calixto II (1119-1124). A *Relatio* afirma que João transmitiu ao Santo Padre notícias sobre Hulna a capital do reino indiano, habitada por cristãos ortodoxos e onde está a igreja-mãe do abençoado Tomé, o Apóstolo. No seu dia de festa, ocorrem milagres. Estas visitas, aparentemente de cristãos da Índia, não são confirmadas, dependendo de relatos em segunda mão.

Como indicado por Zarncke, o grande estudioso do mito no século XIX, o relato de João de 1122 seria uma fraude piedosa, se não fosse uma carta de Odo de Reims, abade de Saint-Rémy, provavelmente redigida entre 1126 e 1135. Odo relata que na sexta-feira após a Festa da Ascensão testemunhou a chegada de legados de Bizâncio com um arcebispo da Índia que falou da igreja na qual descansava o corpo de Tomé e dos milagres praticados. O Santo Padre começou por não dar credibilidade a este conto.⁹

² Nestor (c. 381-451), patriarca de Constantinopla em 428-31 considerou que Cristo tinha duas naturezas distintas (*duo physeis*) unidas numa conjugação voluntária. Argumentou contra a atribuição a Maria do título de "Mãe de Deus" (Theotokos), termo impróprio porque tinha gerado um homem a quem o Verbo de Deus se unira (LOYN, 1990: p. 272).

Em 1144 a cidade de Edessa é conquistada aos cruzados pelos turcos seljúcidas. Em 1145, o bispo alemão Otão de Freising relatou no seu *Chronicon* de 1145 que, no ano anterior, o bispo de Jabala (Biblos no Líbano) visitara o Papa Eugénio III em Viterbo. [12] [13] 14] Era emissário do príncipe Raimundo de Antioquia, para buscar ajuda ocidental contra os sarracenos. Disse a Otão, na presença do papa, que o Preste João, um cristão nestoriano que era sacerdote e rei, recuperara a cidade de Ecbatana aos persas, numa grande batalha "não há muitos anos". Depois disso, o Preste João quis resgatar a Terra Santa, mas as cheias do Tigre obrigaram-no a regressar ao seu país.

O relato do bispo de Jabala parece relacionar-se com a batalha de Qatwan em 9 de novembro de 1141, quando o Cànato Kara-Kitay - o Cataio Negro, situado na Ásia Central - governado por Yelü Dashi derrotou perto de Samarcanda, os turcos seljúcidas comandados por Sandjar. Embora os Kara-Kitay fossem budistas, havia vassallos que seguiam o cristianismo nestoriano. O homem ideal para ajudar os cristãos teria de ser, sem dúvida, um herói vencedor de batalhas, com muitos vassallos e riquezas. A emoção é grande; e o nome do Preste João começa a ser divulgado como o de um salvador com quem os cristãos podem contar. Será ele o Gur-Khân, rei dos Qara Khitay, que em 1141 venceu o sultão Sanjar? Assim se supôs; porém Gur-Khân não era cristão.

A necessidade de aliados para a 2ª cruzada em 1144 despoletou entre os cristãos do Ocidente a lenda que o Preste João, um soberano oriundo da Ásia, os viria auxiliar. A derrota muçulmana em Qatwan encorajou os cruzados e o papa Eugénio apelou a 2ª Cruzada. Os orientalistas tentaram identificar o *rex sacerdos*.¹¹ O certo é que Otão de Freising fez entrar na história o mito do Preste João. Tudo indica que, na corte de Frederico I Barba-Ruiva, ele provavelmente falsificou uma carta de 1150 do Prestes João ao imperador bizantino Manuel I Comneno (1143-1180), ao papa e ao próprio Frederico I Barba-Ruiva. Começou então a circular uma Carta do Preste João sobre um reino de cristãos nestorianos algures nas Índias.

Este documento forjado, «(...) na corte imperial alemã, na preparação da 2ª cruzada e rivalidade entre os Hohenstaufen e a corte bizantina, por um lado, e o pontificado romano, por outro (...)»²². Existem várias versões, para diversos destinatários: ao imperador bizantino, Manuel Comeno; ao imperador Frederico Barba-Ruiva; ao rei de França; ao Papa Alexandre III. Estas versões pululam pelo Ocidente desde o

século XII e cada uma soma informações de carácter efabulatório à possível versão original.

A carta apócrifa de 1165

A carta apócrifa de 1165 começa a circular pela Europa em latim segundo a notícia anónima *De adventu patriarchae Indorum ad urbem sub Calixto papa secundo*, sendo traduzida para francês por Roau d'Arundel. O Preste João é um rei sacerdote cristão, descendente de um dos Reis Magos com dezenas de vassallos, e soberano de um reino que a lenda situará alternativamente na Mesopotâmia, na China, nas Índias, na Arábia, na África Ocidental e, finalmente, na Etiópia. O seu exército tinha “treze grandes e altas cruces, feitas de ouro e de pedras preciosas (...) e a cada uma delas seguem dez mil soldados e cem mil peões armados” Vence o inimigo, e alimenta a expectativa da vitória final da fé. (*Carta do Preste João das Índias. Versões Medievais Latinas*, 1998: p. 82). No seu reino havia a Árvore da Vida, perto da fronteira com o Paraíso. “guardada por uma serpente duas vezes maior que um cavalo, tendo ainda nove cabeças e duas asas.” O paralelo é calro porque “...tal como essa árvore ultrapassa as outras em fruto e aroma, do mesmo modo a nossa pessoa neste mundo não tem semelhante nem igual.” (*Carta do Preste João das Índias*, p. 114-116).

A carta apócrifa de 1165 pode ser considerada um dos grandes embustes da história...ou não. Vista de outro ângulo, forma parte da literatura utópica antes da obra de Tomás Moro.¹² A versão original – reconstruída por Zarncke a partir de muitos manuscritos - 13 foi dirigida ao imperador Manuel. Retrata uma sociedade cristã ideal em terras das Índias junto ao santuário de São Tomé. O nome "Preste João" apresentou-se ao autor com base na notícia de 1145. João era um belo nome para o herói do mito salvador. O papa Alexandre III escreveu uma carta ao Preste João através do seu médico, em 27 setembro de 1177. [22] que a análise textual sugere a sua origem entre os judeus do norte da Itália ou do Languedoc. [23]

A notícia desta carta apócrifa que contava as maravilhas do reino de Preste João espalhou-se pela Europa. As descrições exóticas capturaram a imaginação dos europeus, habituados aos romances de Alexandre e do ciclo arturianos [20] [21] O texto francês da Carta é um “romance cortês”. Com efeito, o Preste João aparece-nos aí com o esplendor e a grandeza dos heróis da canção de gesta: Alexandre da

Macedónia, Heitor, Eneias, Carlosmagnos ou o rei Artur e os seus cavaleiros. *La Lettre du Prêtre Jean* revela um fascínio pelo Oriente misterioso, como na canção de gesta *Pélerinage de Charlemagne*.

Na tradição bíblica, o encontro dos magos com Jesus se encontra exclusivamente no Evangelho de Mateus: “Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia, no tempo do rei Herodes, eis que vieram magos do Oriente a Jerusalém, perguntando: “Onde está o rei dos judeus recém-nascido? ”(Mt 2, 1-2). Otão de Freising, tio do imperador Frederico Barbarroxa trouxe o mito para servir como força espiritual na luta pelo império romano-germânico. Era o interlocutor na condição de maior representante da Cristandade, era o descendente direto de Cristo. Estava dessa maneira acima do Sumo Pontífice. Procurou também provas materiais. Ao conquistar Milão, o imperador apossou-se das relíquias dos reis magos, e transferiu-as para a catedral de Colónia. Foi nesse contexto político que o Preste João nasceu e iniciou a sua evolução.

A evolução da lenda

O século XII era um momento propício para os cristãos latinos refletirem sobre a sua posição no mundo. Estavam familiarizados com o Próximo Oriente através das cruzadas e das peregrinações mas com o Extremo Oriente só através de descrições raras. Ao impacto espiritual destas experiências, somava-se o fascínio com o Oriente onde se supunha residirem muitas das maravilhas da Criação, conforme Agostinho narrara no Livro XVI, capítulo viii, da *Cidade de Deus*. Este anseio do Oriente refletiu-se em três áreas distintas a fraternidade universal do homem, a calamidade dos inimigos externos e o desastre da desunião entre os cristãos.

A crença cristã na fraternidade humana assente no princípio que todos os homens são filhos de Deus esteve na origem do proselitismo e da missão: *"Ide ao mundo inteiro e pregai o Evangelho a todas as criaturas"*. Este era o mandato divino, em especial dos ministros da Igreja.

O zelo missionário cristão foi confrontado pelo inimigo exterior que também praticava o proselitismo e a guerra santa: o Islão. Para a cristandade latina medieval o Islão devia ser combatido por todos os meios. Como o Islão conquistara Jerusalém, local da pregação, crucificação e ressurreição de Cristo, a cidadã santa devia ser recuperada através de uma cruzada.

Finalmente, havia que ultrapassar a dissensão entre os cristãos. A cristandade abrangia os cristãos romanos, muito pecaminosos; os ortodoxos gregos, em parte sob domínio muçulmano; e outros que colaboravam na recuperação e defesa do Santo Sepulcro, mas que estavam separados na obediência, e no culto; nestorianos e monofisitas, considerados hereges e a viver em terras muçulmanas ou para além delas. Tudo o que favorecesse a união entre as várias famílias cristãs era prioritário.

É neste contexto que se afirma o objetivo de contactar o Oriente. Em meados do século XII, as conquistas islâmicas barravam as rotas aos missionários. A cruzada passar o seu ápice, após a conquista de Jerusalém em 1189; os mais sábios começavam a entender o inevitável fracasso da ofensiva religiosa com a espada. Com as missões e as cruzadas a vacilar, restava a busca da aliança com outros cristãos e o estabelecimento do reino da paz, uma sugestão que regressa na empresa dos descobrimentos.

Face ao Islão em expansão, havia a necessidade de reagrupar forças; o crescente desejo de libertar-se das tenazes que ameaçavam a Europa a leste e a sul; e o objetivo mais ambicioso, de encontrar parceiros de negócios e correligionários na fé e talvez até aliados nas remotas terras além do poder muçulmano. Os homens de estado e da Igreja da Idade Média tinham o sonho recorrente de uma segunda frente anti-muçulmana. Para esse fim, procuraram cultivar relações com os mongóis, os etíopes e os persas xiitas; e, por outro lado, empolaram o mito proteico do Preste João 2, o grande rei cristão que um dia uniria forças com a Europa para a derrota final do inimigo islâmico.

Entre os objetivos procurados pelos embaixadores ocidentais estavam o santuário de São Tomé, e o reino do Preste João; assim procederam os notáveis Frei Guilherme van Ruysbroek, Frei João de Monte Corvino, Marco Polo, Odorico de Pordenone, Frei Jordanus de Sévérac, Frei João de Marignolli, Sir John Mandeville, Nicolau de Conti, Jerónimo de Santo Stefano. Quase todos eles, ao longo de três séculos encontraram cristãos dispersos na Ásia. Quanto ao santuário localizaram-no em Meliapor (um subúrbio da Madras moderna) onde havia cristãos nestorianos, também presentes ao longo da costa sul do Malabar. Quanto ao sacerdote-imperador Preste João, não o encontraram porque era uma criatura da imaginação europeia.

Por altura do Concílio de Florença, o mundo ocidental sabia que havia cristãos nas costas ocidental e leste da Índia mas nenhum rei sacerdote. Como não suspeitavam do caráter apócrifo das cartas do prestes João, sentiam-se relutantes em renunciar à existência do rei sacerdote e transformaram-no em governante de outras terras, etíopes e coptas. Frei Jordanus identifica o imperador dos etíopes, a quem chama Preste João. O mapamundo de Angelino Dulcert incluiu a seguinte legenda na África: " *Este rei sarraceno luta continuamente com os cristãos da Núbia e da Etiópia que são governados pelo Preste João, um cristão negro*".²⁴ O Preste João tinha definitivamente migrado; mas chegar à Etiópia era ainda mais difícil do que à Índia e à China devido à interposição dos mamelucos do Egito.

A conquista de Constantinopla e a fundação do Império Latino em 1204 propiciou a 5ª. Cruzada (1217 - 1221). O Concílio de Lião (1245 - 1247), encarrega João Pianocarpino de contactar o Preste João. Guilherme de Ruesbruk é encarregado (1253 - 1256) por S. Luís, rei de França, de converter um rei turco-mongol. Marco Polo (1271 - 1296) refere-o como soberano a quem todos prestam vassalagem. A imaginação fértil reveste o Preste João das mais variadas roupagens. Arménio, imperador das Índias, herói da Tartária... Mas, onde quer que reine, é sempre poderosíssimo e cristão, em luta contra o Islão.

Mas antes que passemos da Ásia para a África, de posição Marco Polo deslocou o mito geograficamente. No seu livro confirma a existência de Preste João na Ásia. Chegando a Karakorum, soube que o Prestes João governava um império de muitos povos mas que Oos tártaros recusando-se a obedecer-lhe emigraram "para outro deserto" e elegeram seu próprio rei, Gêngis Cã. Numa batalha gigantesca Gêngis Cã venceu e matou Prestes João³.

Mercadores e missionários misturavam factos e fantasias em narrativas apreciadas por quem apreciava contos sobre Alexandre o Grande, o rei Artur e Carlos Magno. O reino do Prestes João satisfazia quem queria uma literatura menos fantasiosa do que o mundo dos romances de cavalaria e da busca do Santo Graal. O mito, com alguns factos sóbrios, refletia o desejo de conhecimento do Oriente, a visão sobre a sociedade cristã ideal, as relações entre a Igreja e o Estado. Com um desenvolvimento erudito, O Preste João ajudou a um desígnio para os portugueses

³ MARCO POLO. *O Livro das Maravilhas*, p. 95.

da dinastia de Aviz. Ao mesmo tempo, fornecia um veículo para a sátira sutil e mordaz e crítica.

O isolamento superveniente da Índia e da China ditou o termo das viagens terrestres dos cristãos ao Oriente: a conversão ao Islão dos soberanos da Pérsia; a expansão dos turcos otomanos que conquistam Constantinopla em 1453; a dinastia xenófoba Ming na China. O poderio os mamelucos e dos otomanos bloqueou o acesso à Etiópia e ao Mar Vermelho através do Egito.

Com estas novas barreiras a isolar a Cristandade, a Europa sofreu um declínio no séc. XV. O cativo babilónico do papado, a Guerra dos Cem Anos, e o Grande Cisma enfraqueceram Roma. O humanismo pagão aumentou a debilidade moral de papas como Inocêncio VIII e Alexandre VI que comprometeram a Europa. Juntando o tema das Índias Cristãs ao da insatisfação interna, o Preste João ganhou estatuto pontifício; foi eleito “papa João.”

O equilíbrio entre a autoridade temporal e espiritual afeta todas as doutrinas religiosas. O mito do Prestes João não é excepção. Começou com um todo-poderoso João, o *rex et sacerdos* dos teóricos políticos, a quem o patriarca Tomé servia. Progrediu para a igualdade de funções, simbolizada pelas duas espadas e mencionada por Gomes Eanes de Zurara. E terminou com a amálgama das duas funções em um João pontifício. O César-papismo triunfou.

Em termos de localização geográfica, o reino começou por situar-se numa Índia indefinida. Progrediu para uma igualdade entre a Índia e a Etiópia, onde governava o Prestes João. Terminou na união das duas regiões sob o pontífice João que reteve o nome de Índias. Como resultado, a memória do Apóstolo Tomé original veio a ser preservada pelo seu santuário e milagres acompanhantes e não por seu patriarca.

O Prestes João e a empresa dos descobrimentos

A carta apócrifa foi conhecida em Portugal⁴ desde cedo. Calixto II (1119 - 1124) era Guido de Borgonha, irmão de Raimundo e primo do Conde D. Henrique, pai de D. Afonso Henriques. Depois de sagrado papa, elevou Santiago de Compostela a sé episcopal; e, mais tarde, ofereceu a este santuário o seu Codex Calixtinus. A Calixto II se atribui a autoria de uma parte do Liber Jacobi, onde se contam os milagres realizados pelo apóstolo Tiago. Estando Calixto II tão ligado à Galiza, no tempo em

⁴ Armando Cortesão, *História da Cartografia Portuguesa*, vol. I, p.257 e segs., 1969

que os navios dos cruzados bordejavam as costas ibéricas, é bem possível que houvesse alusões. Luís de Albuquerque refere-se a uma versão da carta, em latim, num manuscrito trecentista, nos códices alcobacenses, sob a epígrafe “Da Índia e dos milagres”. Nela se relatam as maravilhas da corte do Preste João, citando-o logo no começo Presbiter Johannes.

Na época a Europa, sinónimo de cristandade, empurrava para leste e para sul a fronteira com o Islão. Os russos perseguiram os tártaros até às suas próprias terras, após os sacudirem de Moscovo. Portugueses e espanhóis, uma vez libertos do domínio muçulmano, passaram a África e América.

Uma fronteira entre duas religiões ou civilizações rivais não tem fixidez; move-se com o avanço de exércitos vitoriosos. Entre cristãos e muçulmanos, desde o século VII sucederam-se conquista e reconquista, jihad e cruzada. Os cristãos queriam: prevenir-se de um contra-ataque; libertar-se das tenazes muçulmanas; encontrar parceiros de negócios e talvez até aliados nas remotas terras.

Coube à dinastia de Aviz criar essa segunda frente europeia anti-muçulmana, flanqueando o poder muçulmano e criando pelo caminho as sementes da lusofonia. O sonho das embaixadas cristãs a mongóis, etíopes e persas xiitas, expresso no mito proteico do Preste João das Índias, passava agora a realidade. O desejado deveria estar algures na África, Guiné, Núbia, Etiópia, Arábia, Pérsia ou Índia.

Os deficientes conhecimentos geográficos do século XV ainda se apoiavam na visão dos três continentes do Velho Mundo., segundo a *História Natural* de Plínio:

Todo o circuito da Terra é dividido em três partes, Europa, Ásia e África. O ponto de partida é no oeste, no Estreito de Gibraltar, onde o Oceano Atlântico explode e se espalha para dentro do mar. À direita quando entra do oceano é a África, e à esquerda a Europa, com a Ásia entre eles; Os limites são o rio Don e o rio Nilo.

Esta descrição servia um mundo centrado no Mediterrâneo; para Marco Polo, a Abissínia é a Índia Média. No mapa-mundo dos Bórgias (1410), figura uma Índia Etiópica, a ocidente do Ganges; e na *Imago Mundi* (1410) os etíopes são chamados índios. O portulano catalão da Biblioteca de Florença (1433) tem a seguinte legenda: “Nesta região reina um grande imperador, o Preste João, senhor dos Índios, que são negros por natureza”. Num planisfério anónimo da primeira metade do séc. XV, a África é limitada ao sul pelo “Mare ethiopiae”; e na parte oriental estão representados três homens com cabeça de cão.

No séc. XV intensificam-se as relações com a Etiópia. Em 1402, no reinado do negus David I (1382 - 1411)), chega a Veneza uma embaixada. Em 1408, são recebidos em Bolonha os enviados do Preste João; em 1441, chegam a Florença delegados etíopes da comunidade de Jerusalém.

Na *Crónica dos Feitos da Guiné*, (cap. XVI) escreve Azurara que o Infante D. Henrique encarregara Antão Gonçalves, em 1442, de ir à “terra dos Negros”, e colher notícias das “Índias e da terra do Preste João se ser pudesse”. As navegações portuguesas desfizeram a lenda do mundo maravilhoso descrito na carta do Preste João, com riquezas fabulosas, animais fantásticos e águas miraculosas, que nada tinha a ver com a África agora explorada.

Afonso, conde de Barcelos e filho natural de D. João I, viajou em peregrinação à Terra Santa em 1410 e terá trazido informações de Veneza. Mais e melhores informações vieram através do Infante D. Pedro (1392 - 1449) que partiu de Portugal em 1418 regressando apenas em 1428 como descrito no livro meio histórico meio fantasioso de Gomes de Santo Estêvão, *Livro (ou Auto) do Infante D. Pedro de Portugal, o qual andou as sete partidas do mundo*.

Após a tomada de Constantinopla em 1453 é desejável uma aliança entre potências marítimas contra os ataques do Islão e é através da África Ocidental que se procura obter informações sobre o reino do Preste João. D. João II, (1455 - 1495), após enviar emissários à procura de informações, deverá ter confundido o rei africano Ogané com o Preste João. Após Bartolomeu Dias dobrar o Cabo da Boa Esperança, já se sabe que o reino do Preste João não se localiza na África negra.

D. João II envia os exploradores terrestres Pero da Covilhã e Afonso de Paiva. Após saírem de Santarém a 7-V-1487, Afonso de Paiva morre no Cairo mas Pero da Covilhã chega à Abissínia em 1494, de onde não mais voltou. Lá aprendeu a falar e a escrever o abexim, fez fortuna, casou e teve filhos e deu notícias ao rei. As orações da Coroa Portuguesa e as narrativas de observadores como Ludovico de Varthema informa a Europa das descobertas.

Os portugueses encontram o Preste João

Quando os portugueses chegam à Índia em 1498 e se confrontam com o poderio muçulmano, de novo procuram alianças, tentando chegar à Abissínia/Etiópia pela costa oriental do Índico e pelo mar Vermelho.

Em 1506, João Gomes e João Sanches, com Sid Mohamed, desembarcaram em Melinde. João Gomes chegou à Abissínia, e escreve a Afonso de Albuquerque, em 16-XII-1512. A rainha regente, Helena era culta e piedosa, e escreveu uma carta a D. Manuel, que chega a Lisboa em Fevereiro de 1514. Esta carta encontra-se transcrita em Fernão Lopes de Castanheda, Livro III, cap. 98; na Crónica de D. Manuel, de Damião de Góis, na Carta das Novas que vieram a el Rey Nosso Senhor do Descobrimento do Preste Johã (Lisboa, 1521) e no Códice de Alcobça, nº. 297. Leão X oferece-lhe então a “Rosa de Ouro” que envia em 1-V-1514, juntamente com a bula *Consecravimus more maiorum*.

Entusiasmado, Damião de Góis referiu a vinda do embaixador Mateus, no folheto *Legatio Magni Indorum Imperatoris Presbyteri Ioannis, ad Emanuelem Lusitaniae Regem, Anno Domini MDXIII*. E a relíquia do Santo Lenho, que a rainha Helena enviara a D. Manuel, foi oferecida ao papa Adriano VI, em 1522, (Cf. Frei Luis de Sousa, *Anais de D. João III*, vol.I). Persistia o ideal de cruzada e, pela aliança ao mítico Preste João, alargar-se-ia a fé e o império. D.Manuel nomeia embaixador ao Preste o velho cronista Duarte Galvão, em 1513, com um rico presente. Na armada de Lopo Soares de Albergaria, sucessor de Afonso de Albuquerque, que sai de Lisboa em 1515 seguem Duarte Galvão, o embaixador etíope Mateus e o Pe. Francisco Álvares.

Em 1520, a embaixada de Rodrigo de Lima, com o padre Francisco Alvares como capelão, encontrou-se com o imperador da Etiópia. Alguns continuaram a acreditar que o imperador era o presbítero. Outros, nomeadamente Damião de Góis, atacaram este mau uso de nome. A missão foi relatada com um pequeno livro de 14 folhas, atribuído à imprensa de Germão Galharde, de Lisboa e datado de 1521. Intitulava-se *Carta das Novas que Veio ao Rei Nosso Senhor da Descoberta do Preste João*. Foi traduzida e publicada em Roma como *Epistola Super foedere cum Presbytero Ioanne*. Eram notícias autênticas sobre as terras do Preste João, com a carta que a rainha Helena enviara a D. Manuel: *Trelado da carta que ho Preste Johan enviou a el Rey nosso Senhor, por seu embaixador Matheus, no anno de mil e quinhentos e quatorze*. Estava “firmada a sacrossanta aliança da nossa Fé”, assim escrevia D. Manuel ao Papa, na carta de 8-V-1521.

Nem “Preste”, nem “João” nem das “Índias”.

Entre a partida da embaixada de Lisboa em 1513 e a chegada a Abissínia em 1520 deteriorou-se o presente enviado por D. Manuel; o novo presente era um mapa - mundo, para mostrar aos etíopes que “a terra é redonda”.

No livro *Verdadeira Informação das terras do Preste João das Índias* (1540), Francisco Álvares diz-nos como foi recebido pelo Preste João, que não era “Preste”, nem se chamava “João” nem vivia na Índia. Nem a Etiópia era o país de sonho da Carta de 1165: era miséria, crime, ódio, guerra, fome, roubo, crueldade. O “palácio de cristal” do Preste João era apenas uma tenda de nómadas. A Abissínia, Abássia ou Etiópia era um país de bárbaros, sem capacidade militar, cristão mas herético; em nada contribuiria para o projeto comercial. Inútil para nos ajudar, no alargamento da fé ou do império. Foi o desmoronamento do mito. Desapareceu o patético, o fantástico da Carta do séc. XII.

A missão teve lugar no tempo do rei Lebna Denguel (Incenso da Virgem) (1508-1540) (KI-ZERBO, s/d: p. 57), a regente Helena, uma princesa muçulmana convertida, enviou um mensageiro a Portugal, Mateo, o Armênio. A embaixada portuguesa e 1520 foi acolhida sem entusiasmo; Lebna Denguel teria ficado dececionado com os magros presentes provenientes da Europa. Quando lhe mostraram num mapa o pequeno Portugal em comparação com o seu reino (com extensão exagerada por causa das técnicas de representação cartográfica), Lebna Denguel encheu-se de orgulho armas. Aceitou ceder Massawa a Portugal como base naval e prometeu a aliar-se contra os Muçulmanos. Por sua parte, pediu artesãos e médicos (KI-ZERBO, s/d: p. 57).

Com Francisco Álvares passa-se do sensacionalismo à observação atenta em pormenor, mais com objetivos utilitários do que com preocupações estéticas, embora não alheio à qualidade literária. Vale a pena citar, a este respeito, a descrição - retrato do Preste João (p.161) em que ocupa 18 linhas. Depois do regresso do Pe. Francisco Álvares, Roma, embora desiludida com o Preste João, ainda envia jesuítas para a Etiópia, em 1554, e o bispo André d’Oviedo. Mas os esforços de converter os etíopes foram vãos.

Sendo de 1540 a 1ª edição da *Verdadeira Informação das Terras do Preste João das Índias* logo no séc. XVI foi traduzido em quatro línguas, com sete edições: três em castelhano; duas em francês; uma em italiano; e uma em alemão. Era a primeira informação rigorosa sobre o Preste João. Em português, nos séculos seguintes,

foram ainda feitas mais três edições, sendo a última de 1974. Quanto a traduções, houve mais uma em francês, em 1830; duas em inglês, em 1881 e 1961; e uma em amárico, em 1966. A obra contém, na Parte II, a tradução de três cartas enviadas pelo Preste João: a Diogo Lopes de Sequeira, capitão-mor da armada (cap. II); a D. Manuel (cap.VII) e a D. João III (cap. VIII). Em todas as cartas o imperador enumera ascendentes salomónidas; faz protestos de amizade e colaboração com Portugal na guerra contra os mouros; e pede o envio de artistas, que saibam trabalhar os metais e fabricar telhas, pois só sabem cobrir as suas casas com ervas.

Os descendentes de Salomão, rei de Israel (± 970-931 a.C.) e da rainha de Sabá (hoje Iémen) governavam a Abissínia no tempo dos contactos com Portugal. Houve prosperidade no reinado de Lebna Dengel (1508 - 1540) mas ele foi derrotado pelos turcos antes de chegar o auxílio dos portugueses. A frota otomana derrotou a portuguesa, em 1541; e Cristóvão da Gama que desembarcara com 400 homens para socorrer os etíopes, foi preso e martirizado. Igualmente perdeu a vida o jovem negus Claude, aliado dos portugueses. O Preste João poderoso e rico, cuja aliança tanto se desejara, era quem precisava de ajuda.

A extraordinária coincidência, e observações conclusivas

Com o Renascimento, modificou-se a percepção do tempo e da história. Autores antigos e modernos passaram a coexistir, e cresceu a exigência de veracidade dos documentos que circulavam. A imprensa perpetuava a popularidade das descrições do Preste João, mesmo após as descobertas, mas exigia factos.

Por uma extraordinária coincidência cronológica, os embaixadores portugueses entraram na Etiópia no mesmo momento em que portugueses na Índia abriram o túmulo de S. Tomé de Meliapor, 1520. Em 1540, com a publicação e divulgação, pela Europa, do relato da sua estadia de seis anos, no reino do Preste João, o Pe. Francisco Álvares dava o golpe de misericórdia naquela que foi criação mítica surgida de um anseio coletivo, no tempo das Cruzadas. As notícias autênticas tinham morto o mito do Preste João, caso os mitos morressem.

Acreditar na possibilidade de existência do Preste João foi um motivo de esperança para o homem medieval. A procura do Preste João favoreceu um encontro de culturas, de que o homem saiu mais rico. O contacto com o diferente convidou o homem ocidental a consciência do relativo e abriu-lhe o espírito no sentido do

ecumenismo - apreço pelo outro, limitação do absolutismo e desabrochar de tolerância. No Regimento que o capitão Lopes de Sequeira deu ao embaixador D. Rodrigo de Lima, em 25-IV-1520. Indica-se que devia observar tudo o que se passava no reino do Preste João. Porém, era essencial o respeito pelos costumes e crenças alheias, estando-lhe proibido qualquer discussão que perturbasse “*toda a paaz e booa concordia*”.

Os mitos não morrem enquanto correspondem a impulsos humanos de reconhecer o que não pode ser afirmado. No passado, o Preste João foi figura mítica, misto de autoridade religiosa e política, sacerdote cristão e monarca oriental, a reinar em lugares misteriosos. Uma figura formada a partir dos mais diversos elementos do Oriente e Ocidente.

Hoje, o mito do Preste João pode ser interpretado como um momento fundacional da lusofonia que foi nascendo no roteiro africano e asiático dos portugueses do século XV e XVI. Foi um mito condutor e produtor do alargamento de horizontes, como novos conhecimentos geográficos e históricos. Um fabuloso elemento dialógico que impeliu ao facto histórico e que renasceu em nossas entranhas e é parte de nós.

Fontes

A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

AFONSO DE ALBUQUERQUE, *Cartas seguidas de documentos que as elucidam*, 7 vol., Academia de Ciências de Lisboa, 1884 - 1935;

ÁLVARES, Francisco, ca. 1490-1540 *Verdadeira informação das terras do Preste João das Índias* / Padre Francisco Álvares. - Lisboa : Agência Geral do Ultramar, 1974. - 473 p.

Carta do Preste João das Índias : versões medievais latinas / pref. e notas Manuel João Ramos ; trad. Leonor Buescu; sel. iconográfica Manuel João Ramos, Alexandra Campos. - Lisboa : Assírio & Alvim, 1998.

CORTESÃO, Armando -*Cartas das novas que vieram a el Rei Nosso Senhor do descobrimento do preste João* : (Lisboa, 1521) / Armando Cortesão. - Acta Universitatis Conimbrigensis) In: *Esparsos* / Armando Cortesão; pref. Guilherme Braga da Cruz. - [Coimbra] : Universidade de Coimbra, 1974. - p. 61-223,

DORESSE Jean, “L’empire du Prêtre Jean”, vol. I: L’Ethiopie Antique, vol. II: L’Ethiopie Médiévale, Paris, 1957;

GABRIELI, Francesco (selected and translated). *Arab historians of the crusades*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1984.

KI-ZERBO, Joseph. *História da África Negra* I. Viseu: Publicações Europa-América, s/d.

LEWIS, Bernard. *Os Árabes na História*. Lisboa: Editorial Estampa, 1990.

MARCO POLO. *O Livro das Maravilhas*. Porto Alegre: L & PM, 1994.

MAURÍCIO Domingos, “ A carta do Preste João das Índias e seu reflexo nos descobrimentos do infante D. Henrique”, in *Brotéria*, 71 (1960); Idem, “ Ainda a carta do Preste João das Índias”, *ibidem*, 72 (1961);

OLIVEIRA MARTINS J. P., “A lenda do Preste João nas chronicas portuguezas”, in *Portugal nos Mares*, t. II, cap. I, Appendice B, 1924;

SANCEAU Elaine, *Em Demanda do Preste João*, 3ª. Ed., Porto, 1956;

- VSEVOLOD SLESSAREY, *Prester John - The letter and the legend*, Minneapolis, University of Minnesota Press, 1959;
- ROGERS Francis M., *The Travels of the Infante Dom Pedro of Portugal*, Harvard University Press, Mass. 1961
- ROGERS Francis M., *The Quest for Eastern Christians, travels and rumor in the age of discovery*, Minneapolis, 1962; Idem, *O Sonho de unidade entre Cristãos Ocidentais e Orientais no Século XV*, Universidade da Baía, 1960;
- THOMAZ Luís Filipe, "Portugal et l'Afrique au XVe. siècle: les débuts de l'expansion", in *Arquivos do Centro Cultural Português*, Lisboa - Paris, vol. XXVI, 1989; Idem, "O projecto imperial joanino (tentativa de interpretação global da política ultramarina de D. João II)", in *Congresso Internacional Bartolomeu Dias e a Sua Época - Actas*, 5 vols., Porto, vol. I, 1989.